

Ensino médico e ideologia: uma mistura indigesta

Olavo Pires de Camargo^I, Luiz Eugênio Garcez Leme^{II}

Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

Ensinar uma arte é um processo complexo. Além de uma série de habilidades que devem ser transmitidas e incorporadas, deve-se conseguir um contato, até certo ponto mágico, entre o que está ensinando e o que está aprendendo (que geralmente tem fluxo nos dois sentidos) para a troca de informações que criem um ambiente de crescimento mútuo, tendo como base a busca da verdade, amadurecendo de **informação para formação**.

Quem já teve oportunidade de visitar a casa de Rembrandt em Amsterdã e pôde observar os cavaletes para os alunos alinhados nas salas superiores com uma luminosidade esplêndida certamente poderá intuir de que falamos. Trata-se de algo muito diferente do jogar informações (que podem ser facilmente obtidas nas redes sociais) ou apresentar, com jactância, conceitos pessoais de uma maneira arrogante. Alunos são espertos e percebem rapidamente do que se trata.

O oxigênio que permite a respiração neste ambiente é a busca honesta da verdade, sem pressões ou opressões, que é o que caracteriza a essência da Universidade desde suas raízes medievais nas “*quaestiones disputatae*”, em que cada um podia arguir sobre qualquer tema, devendo, a seguir, ouvir e avaliar as respostas. Este maravilhoso ambiente aerado da alma universitária é, atualmente, frequentemente poluído pelo ar putrefato da ideologia.

O termo “ideologia” tem diversas possibilidades de significado, no entanto, em todas elas, vê-se um conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas ou visões de mundo de um grupo, que, a partir delas, passa a conceituar o mundo e a realidade unicamente através desse prisma, fechando o foco da realidade, muitas vezes negando à comunidade o direito de ter ideias ou visões distintas das suas, condição na qual o termo **ideologia** pode ser facilmente substituído por **fanatismo**. Não é difícil perceber que esta posição é absolutamente incompatível não apenas com o ensino da medicina, mas com o ensino de qualquer coisa.

No ambiente verdadeiramente universitário, a diferença de ideias e conceitos é não apenas possível, mas desejável e enriquecedora. Exige de seus participantes as virtudes da coragem de se apresentar como são, sem escudos de autoridade, títulos, proteções sociais etc. Vale apenas a verdade.

Por um lado, os professores precisam tomar cuidado para não fazer uso, consciente ou inconsciente desses escudos de autoridade ou títulos, no entanto não é, atualmente, o maior problema.

Vivemos em uma sociedade onde o **vitimismo** é quase a regra geral. As pessoas, oriundas e participantes de uma sociedade predominantemente consumista e hedonista, não estão preparadas para assumir ou analisar suas próprias

^IProfessor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

^{II}Professor associado do Departamento de Ortopedia e Traumatologia e Departamento de Clínica Médica (Geriatria) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Editor responsável por esta seção:

Olavo Pires de Camargo. Professor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Endereço para correspondência:

Olavo Pires de Camargo
Rua Barata Ribeiro, 490 — 3ª andar — conj. 33
Bela Vista — São Paulo (SP)
CEP 01308-000
Tel. (11) 3123-5620
E-mail: olapcama@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada — Conflitos de interesse: nenhum declarado

Entrada: 15 de agosto de 2017 — Última modificação: 15 de agosto de 2017 — Aceite: 21 de agosto de 2017

falhas, que são, sempre, culpa de outrem, impedindo assim o aprendizado. Circulamos entre grupos de pessoas que se sentem titulares de direitos oriundos de agravos, reais ou não, contra seu grupo social, étnico, comportamental etc. raramente cometidos contra os próprios participantes mas contra qualquer um que possa ser incorporado a eles, ascendentes, conhecidos, personagens de matéria jornalística etc. É uma forma moderna da fábula da cordeiro e do lobo imortalizada por Jean de La Fontaine, em que o lobo, ao não conseguir provar que o cordeiro tinha sujado sua água, completa: “se não foi você, então foi um de seus ancestrais” e ataca o cordeiro — que era o que queria de qualquer forma. Esta forma de comportamento e o seu agrupamento nos chamados “coletivos” é, possivelmente a

forma mais grave e impermeável de escudos para qualquer tipo de aprendizado.

Em nossas modernas universidades, campeia, muitas vezes, um ambiente de patrulha ideológica e cultural por parte de grupos “politicamente corretos” que se compõe do **vitimismo** de alunos imaturos e da covardia e do falso “bom-mocismo” de dirigentes e professores que preferem ser populares a ser verdadeiramente formadores. Não é difícil concluir que, neste ambiente, muitos bons professores sintam-se desanimados e desmotivados a procurar ensinar aos que não se dispõem a aprender. A Universidade, que no decorrer dos séculos conseguiu resistir a tantas ameaças externas, possivelmente terá dificuldades de resistir a esta ameaça final, morrendo, como diz João Bosco em “*Latin lover*”: sem revólver, sem ciúmes, sem remédio: de tédio.